ANO 2.º LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 29 DE MAIO DE 1922 N.º 362

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, [illegible]
Impressão: Rua do Mundo, 1[illegible]

As finanças

O problema vital é este: arranjar dinheiro, para que o Estado possa viver desafogadamente, deixando de ser para a economia do país uma causa de ruina. Tudo o mais são cantigas.

Posto que estale uma nova revolução, a mesma necessidade persiste. Os revolucionarios, uma vez na posse do poder, não conseguirão governar ou administrar só com as espadas nem com o entusiasmo da sua fé.

Prendam os oficiais que quizerem, metam-nos na Trafaria ou desterrem-nos para as Pedras Negras que nem assim nos desanuviamos da terrivel opressão.

Que é necessario, pois?

Arranjar dinheiro, recorrendo ao imposto ou ao credito. Quasi toda a Europa se debate nas mesmas ansias. O problema da reconstituição das nações reduz-se a uma crise financeira que as afecta a todas, em maior ou menor grau.

A Russia de Lenine declarou em Genova que deseja negociar urgentemente um emprestimo de três mil milhões de rublos. Tchitcherine, que os jornais de todo o mundo louvaram como um habil diplomata, depois de mostrar que sabia pôr uma dificuldade onde se necessitava uma ponte e uma ponte onde se esperava um obstaculo, acabou por caír numa confissão de miseria — os Soviets careciam de dinheiro.

Nós cremos que nada dissemos, porque não houve quem nos escutasse. Os nossos representantes estiveram em Genova, como Moisés, no seu cestinho, barrado de betume por dentro e por fóra, quando boiava nas aguas do Nilo. Se porventura pudessem falar livremente diriam logo:

—«Portugal, para voltar a ser feliz, pretende que os srs. lhe facilitem os meios de se entender com a finança internacional, a fim de que esta contrate com ele uma larga operação de credito».—

E nem mais uma palavra, pois o silencio é já de oiro em casos tais.

O actual governo, se ámanhã pudesse anunciar ao país que as arcas do tesouro, por qualquer milagre dos que ainda não regista a historia das finanças, estavam a abarrotar, logo as turbas correriam para ele a tributar-lhe louvores e aplausos.

Um notavel banqueiro, que acredita tanto no prestigio dos algarismos que não liga importancia ás ideias, disse-nos um dia, quando um dos nossos governos tramava um novo aumento da circulação fiduciaria:

—«Creia, sr. jornalista, que ha de triunfar, em Portugal, o governo que, sob a pavorosa aluvião das notas, puder descobrir uma mina de oiro».—

Nós que sabemos quanto vale um quilo de papel de impressão, respondemos-lhe:

—«Sr. banqueiro, se essa mina um dia se descobrir, todos os jornais hão de querer vender-se mais caros, para serem o unico papel fiduciario da idade feliz».—

Meias côr de carne

—Desejo meias côr de carne. Tem?

—Perfeitamente, minha senhora; perfeitamente. E qual prefere? Côr de rosa? amarelas? pretas...?

CONSTA-NOS que, numa das ultimas reuniões de outubristas, no Centro Antonio Maria Baptista, quando o entusiasmo era mais [illegible], houve alguem que apresentou uma moção para que todos os presentes que tivessem intervindo directamente no movimento de outubro e se achassem dispostos a aceitar quaisquer responsabilidades que lhe caibam [illegible] facto, escreves[illegible] livro cujas paginas aguar[illegible] assinaturas.

[illegible] o que era de esperar só uma irre[illegible] se mostrou sem medo, pegan[illegible] sem hesitar, porque o maior nu[illegible] escapando *á formiga*, dando ao [illegible]

* * *

[illegible] SWANSON, a celebre estrela do [illegible], que está em Paris, foi en[illegible] por um jornalista que lhe pergun[illegible] soluções optimistas dos dramas do [illegible] eram iguais ou parecidas ás da vida real.

Ela respondeu que não.

— «Não acredito que a realidade seja tão fácil de dominar».

No seu entender, o coração humano vive no misterio e este só se esclarece quando o sofrimento destruiu as nossas ilusões.

ONTEM, no desafio de «foot-ball», fecho da epoca, entre os dois clubs favoritos do publico, o glorioso Bemfica e o correctissimo Sporting — em beneficio de casas de caridade — houve durante 50 minutos treze scenas de pugilato entre espectadores, correspondentes a outros tantos tumultos, com intervenção de cavalaria da guarda. Alguem explicava o acontecimento pela circumstancia do desafio ser... de caridade.

* * *

O SEGUNDO congresso beirão realiza-se em Coimbra de 1 a 4 de Julho. Será acompanhado duma Exposição, com quatro secções — agricola, zootecnica, industrial e artistica. As sessões celebrar-se-hão no salão nobre dos Paços Municipais. A Junta Geral do Distrito de Coimbra votou um subsidio de quatro contos para o fundo de despesas do Congresso e Exposição.

* * *

O PAÍS muito desejaria saber como é que o sr. ministro dos Estrangeiros entende aproveitar as excelentes disposições do Brasil e da Espanha a nosso respeito, para desenvolver uma acção diplomatica eficaz. Não haverá no parlamento quem se decida a fazê-lo falar?

* * *

FALA-SE na publicação dum folheto sensacional que fará muita luz sobre todos os crimes politicos, a começar em D. Carlos.

Alguem que póde haver á mão uma série de documentos e actas, até hoje mui recatados, quere aclarar assim uus tantos misterios da nossa historia contemporanea.

Que novas trovoadas vêm por aí?

* * *

NOTAS do orçamento do Interior, que se discute hoje nos deputados: Despesa ordinaria, 10:400 contos; despesa extraordinaria, 31:197 contos. Desta importancia, 30:000 contos são absorvidos pelas subvenções ao pessoal.

PIERRE Frondaie, autor de *Maison Cen[illegible]* que há tempos se representou no Nacional, com certo exito, divorciou-se ha pouco. Sua ex-mulher reclamou para si o direito [illegible] tinuar a usar o sobrenome de Frondaie, [illegible] não ser o de seu marido, mas sim um [illegible] nimo que ambos escolheram e fizeram [illegible] cido. A tal respeito [illegible] Frondaie [illegible] á *Comedia* a seguinte carta:

Meu caro confrade.

Posto que eu não goste de me expôr á curiosidade do publico, torna-se necessario que dê uma explicação ácêrca do divorcio que acaba de me separar de M.me Pi[illegible]

Não é motivo suficiente — porque [illegible] nal reconheceu as minhas culpas, [illegible] que viveu, junto de [illegible] anos, seja privada dum nome que [illegible] enquanto foi minha associada.

Frondaie é um [illegible] tence a nós ambos [illegible] der do nome de [illegible] de coração nobre [illegible] tinuar a usá-lo, só tenho a agradecer-lhe [illegible] honra que me concede, embora admitindo que exerce um direito. Queira [illegible] consentir-me que assim o digne [illegible] do-lhe por este favor o meu reconhecimento e amizade.

Pierre Frondaie

A *Comedia* comenta:

«Esta carta honra quem a escreveu e a senhora que a motivou.»

* * *

O NOTAVEL jurisconsulto, que sempre foi o sr. visconde de Carnaxide, revelou-se ultimamente tambem poeta.

Os seus versos do volume—*No outono da vida* foram uma especie de mocidade postuma.

O recentissimo livro—*No fim do outono*, que acabamos de receber, além de demonstrar que o seu autor é muito mais jovem do que outros da sua idado, recomenda-se pela sinceridade da emoção em que ha notas que têm quasi um perfume de primavera.

* * *

DEIXOU de fazer parte do quadro redactorial do *Diario de Lisboa* o nosso amigo Consiglieri Sá Pereira que, durante quasi um ano, nos deu uma colaboração, sobretudo em materia politica, que os nossos leitores tanto apreciaram. Sentindo bastante a sua resolução, esperamos que não esqueça que todos os seus camaradas lhe são muito dedicados.

* * *

A PENDENCIA entre os sr. dr. Ferreira de Sousa, juiz do Tribunal de Defesa Social, e o sr. Ribeiro de Melo, senador, não prosseguiu, por este haver declarado ás testemunhas daquele que não proferira as palavras que alguns jornais lhe atribuiram, conforme se vê pelo extrato oficial do seu discurso.

* * *

TEATRO Nacional: Pessoal do quadro, 400 contos; aposentado, 576 contos. Material e despesas varias, 2:000 contos.

* * *

NO orçamento da Instrução: Construção de *vitrines* para o Museu de Arte Antiga, 100 contos.

* * *

COSMELLI de Santana, o distinto arquitecto e professor, está escrevendo uma obra sobre o nosso patrimonio artistico, cujo primeiro volume sairá ainda este ano.

A exportação

Transportes ferroviarios

Sr. director.—Como se sabe e frequentes vezes se em apregoado, a exportação dos nossos produtos representa a canalização do ouro para o país, e, por consequencia, o maior factor para se conseguir a melhoria cambial, que indirectamente concorre para o barateamento de grande numero de generos que, pela sua escassez no nosso mercado, somos obrigados a importar.

Isto é o «cabrion» de toda a gente que se diz economista, o que até certo ponto não deixa de ser justo, desde que os açambarcadores e «novos ricos» não manobrem ás escuras aproveitando os beneficios da exportação sómente para seu uso. O proprio governo é o primeiro a reconhecer a vantagem que daí pode resultar, e, diga-se de passagem, tem empregado os seus melhores esforços para que se intensifique a exportação, principalmente das mercadorias que nos são indispensaveis, como sejam: o vinho, a cortiça, a agua-raz, o breu, os toros de pinho, e tantas outras; mas, infelizmente, essa boa vontade vai sempre esbarrar no «mas», porque nem todos os elementos se conjugam para levar a bom termo uma aspiração de interesse nacional. No entanto, não é raro ouvir-se dizer ou ler nos periodicos que alguns desses elementos representando forças vivas da nação, se sacrificam até ao extremo (sic) para atenuar o mal.

A verdade, porém, é que, ou porque o governo, assoberbado com milhares de problemas complexos não possa ocupar-se com atenção do assunto, ou porque os elementos principais não se submetem, ou ainda porque outros motivos para nós desconhecidos existam, as aspirações de quem governa não são tidas em consideração; e daí o nosso latente mal estar. Dizem os exportadores (e nessa parte não podemos contraria-los) que a falta de transportes terrestres é a causa principal da falta de exportação. Mas então, preguntamos: porque motivo é que as empresas ferroviarias, que neste caso representam elementos da mais alta importancia, não seguem as indicações do governo? Porque motivo é que o governo, inclusivamente a direcção geral de transportes, não as obriga a colaborarem comsigo nesse acto de boa administração e de ressurgimento nacional? A cortiça e os toros de pinho, que noutros tempos mais desafogados sempre mereceram a atenção das empresas de transportes, são as mercadorias que actualmente menos os preocupam porque, dizem elas *é coisa que não se estraga.* No entanto, essas mercadorias vão-se acumulando, em pilhas, nas estações dos caminhos de ferro ou perdendo as suas melhores propriedades nos pinhais, nas herdades, etc., etc., para um dia, mais tarde, pouco ou nada produzirem e ficarem onde menos falta façam. E assim vivem os exportadores, aguardando que apareça alguem que, despido de preconceitos e de favoritismos, se compenetre de que, acima de tudo, deve sacrificar-se pelo bem estar da nação. Agradecendo antecipadamente a atenção que v. me possa dispensar no seu acreditado jornal, me subscrevo—De v., etc., *Um exportador.*

PRISÃO DE VENTRE

Só se cura com as

Aguas de Santa Marta (Ericeira)

Deposito geral: R. Afonso d'Albuquerque, 4 (Cruzes da Sé) — LISBOA

Deposito no Porto: Rua do Almada, 59, 1.º

IODONAL

NÃO COMEM, DEVORAM!

TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS

Superior ao óleo de bacalhau e emulsões

INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MA...DO, ETC.

FARMÁCIA FORMOSINHO

Praça dos Restauradores, 18

Uma noite agradabilissima, gosando-se a mais bela das temperaturas, passa-se no

TEATRO SALÃO FOZ

admirando a mais graciosa das revistas

Piparote

por isso ha sempre enchentes nas

Duas sessões

Sexta-feira: Festa de **Lina Demóel** — Novidades e atracções

A NOMENCLATURA DAS RUAS

A JUNQUEIRA HISTORICA E ROMANTICA

Ainda a fuga ou rapto de D. Eugenia José de Menezes

Já agora, mais duas palavras.

Pelo novo artigo do sr. Artur Lamas concluo que no apuramento da questão em que temos conversado houve a colaboração de ambos nós, com o intermedio do sr. visconde do Marco, e pela seguinte forma.

Eu dei a tradição da fuga *presumivelmente* localizada na sua casa; o sr. visconde, em conversa, transmitiu-a ao sr. Artur Lamas, que a ignora; subsequentemente, o sr. Lamas, sem relacionar o facto com o caso da fuga, comunicou ao sr. visconde do Marco um documento, que dava á sua casa em 1839 os n.os 105 e 107, e dos quais este senhor me deu naturalmente conhecimento pelo interesse que eu mostrava em conhecer a antiga numeração da sua casa; coincidindo o n.º 105 com o da moradia de D. Manuel de Menezes, irmão de D. Gregorio, na Junqueira, tal como consta do Almanach de 1804, conclui a *extrema probabilidade, quasi certeza,* de ter-se a fuga efectivamente dado do actual palacete do sr. visconde do Marco; o descobrimento do documento agora apresentado pelo sr. Artur Lamas veio confirmá-lo por forma *absolutamente demonstrativa.*

Assim eu vim a contribuir para esta elucidação com *uma tradição,* aliás recebida do sr. conde de Bretiandos, como disse, e uma *conjectura plausivel e procedente,* e o sr. Lamas com a subsequente *investigação,* que o levou á *demonstração documental.*

Mas o sr. Lamas desejaria mais. Quereria que o processo do *rapto* falasse e foi procurá-lo á Relação. Encontrou lá apenas a muita obsequiosidade do sr. Augusto de Castro e o registo do decreto de 2 de junho, em que se manda instaurar o processo de devassa e julgamento. Mais nada.

A sentença, porém, existe publicada, pois eu a tenho, transcrita não me recorda de onde. Talvez da *Ultima Côrte do Absolutismo,* que não tenho presente.

Aqui a dou pelo seu global interesse e porque traz a claro indicação de que D. Eugenia foi raptada pelo dr. João Francisco de Oliveira, de casa de seu irmão.

Ei-lo.

Accordam em Relação etc. Que vistos estes autos, que, na conformidade do Decreto do dito Senhor, e com o parecer do seu Regedor, se fizeram snmmarios, no Accordam a fls... ao réo João Francisco de Oliveira, que foi Physico-mór dos exercitos, e Medico da Real Camara do mesmo Senhor, pelo torpissimo, e abominavel attentado com que prevaricou no exercicio do seu emprego, abusando da faculdade, e entrada que por elle se lhe permittia na pousada de Dona Eugenia José de Menezes, Dama do Paço; alliciando-a até ao ponto de a raptar, ausentando-se com ella fugitivo; pelo que se procedeu a devassa, e mais averiguações appensas, do que o sobredito réo, sendo citado por éditos a fls... e sendo-lhe nomeado Curador para se defender no dito Accordam fls... se não exonera, reconhecendo o mesmo Curador a enormidade do seu delicto na allegação a fls... que fez por parte do mesmo réo, recorrendo sómente á equidade, que possa abrandar o rigor da lei. E como pelos autos se mostra, que o sobredito réo João Francisco de Oliveira, prevalecendo-se da entrada no Real Paço, que lhe conferia o officio de Medico da Real Camara, temerária e aleivosamente abusára d'ella para se introduzir na frequente assistencia, que tratava na pousada da Dama do Paço, D. Eugenia José de Menezes, alliciando-a até ao ponto de a raptar da casa de seu irmão, para onde sahiu licenciada, com o pretexto de molestias, e d'onde o mesmo réo, na noite de 27 de Maio de 1803 a levou para as praias proximas ao logar de Caxias, aonde tinha preparada e prompta a embarcação, em que com ella se transportou fugitivo, de sorte que sendo ella achada em Cadiz, não houve noticia d'elle, nem consta de parte certa aonde possa ser achado, pelo que foi citado por éditos fls...

O que tudo é constante não só da devassa appensa; mas até é facto de notoriedade publica, sem duvida em contrario; e por isso, e como tal reconhecido na sentença appensa da degradação, e exautorisação da Ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, proferida na Meza competente, em execução do Real Decreto inserto no appenso ultimo, no qual foi o mesmo réo relaxado á justiça secular. E é de igual notoriedade a grande diferença que há da linhagem, e qualidade da Dama raptada á do réo levador; circumstancia que a lei manda observar para a comminação das penas, e que tem estabelecido para estes delictos; além da aleivosia em que foram commetidos, quer se atenda á frequencia do réo no Paço quer na casa do irmão da dama raptada.

Portanto, e o mais dos autos, condemnam ao sobredito réo João Francisco d'Oliveira—a que com baraço e pregão seja levado até ao logar da forca, aonde morrerá morte natural para sempre: E visto estar ausente o hão por banido, e mandam ás justiças do dito Senhor, que appellidem contra elle todas as terras para ser preso, ou para que cada um do povo o possa matar, não sendo seu inimigo; em confiscação e perdimento de seus bens para o Fisco e Camara Real, e nas custas. Lisboa 12 de Junho de 1804.—*Pereira de Barros—Saraiva do Amaral —Rocha — Costa — Dr, Fonseca — Correia —Saçcadura— Sampaio.*

O sr. Artur Lamas aventa que o processo tivesse desaparecido por influencia do conde da Louzã, irmão tambem de D. Eugenia, que teve ulteriormente grande situação politica, ou por determinação do proprio D. João VI, como este fizera para o processo dos Tavoras (no que ha confusão).

Não me parece, pois se o Rei e os Cavaleiros não gostavam do processo, que foi anomalo, mais simples, moral e honesto teria sido não levantar desnecessariamente o escandalo.

Quanto a mim, afigura-se-me antes que o processo terá saído da Relação em 1839 para o Conselho de Estado, a documentar o requerimento em que a filha de D. Eugenia José, D. Eugenia Maria, requerera a rehabilitação de sua mãe, que foi de facto decretada em 8 de setembro de 1849.

Presidente do governo era então Costa Cabral e do gabinete fazia parte o conde do Tojal, filho do dr. João Francisco de Oliveira, o raptor condenado á forca, e já perdoado por decreto de 15 de abril de 1820, interessado esse ministro no processo pela memoria de seu pai e pelo muito que queria a D. Eugenia Maria, que seu pai perfilhara, em 1822, para que não fosse por diante o enleio amoroso que entre os dois nascera um dia, segundo se diz.

Tudo isso é materia de romance, cujo epilogo se encontra agora no cemiterio dos Prazeres: um jazigo, em que, ao lado um do outro, descansam o conde do Tojal e D. Eugenia Maria de Menezes Smith, aquela que na Historia ficou como a *bastarda de D. João VI.*

Quanto ao processo, se existe ainda, onde parará?

No ministerio do Interior, no da Justiça, na Procuradoria Geral da Corôa, em algum arquivo do Conselho de Estado, na Torre do Tombo, em remanescentes papeis do ministro da justiça de então, Felix Pereira de Magalhães, ou do Conde do Tojal? Em Lisboa? Na Madeira?

Vasto campo de investigação aí fica para o sr. Artur Lamas, ditoso investigador com ocios para o ser, a quem de novo agradeço o prazer que me tem proporcionado nesta cavaqueira, que já me trouxe da Junqueira ao cemiterio dos Prazeres, como igualmente agradeço ao mui benevolo director do excelente *Diario de Lisboa* o amistoso acolhimento que nele me tem feito.

Ericeira, 26 de maio de 1922.

Eduardo Burnay

CAMBIOS E BOLSA

SAQUES SOBRE O ESTRANGEIRO

Compra e venda ás melhores taxas

EXECUÇÃO DE ORDENS DE BOLSA, TITULOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Pancada, Morais & C.ª

Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria Domingas de Portugal e Castro, D. Sofia Burnay de Melo Breyner (Mafra) e D. Maria Luiza Rebelo de Andrade.

E os srs.:

Conselheiro Fernando de Sousa, Fernando Coutinho da Silveira Ramos, Adolfo Scheper Fassio e José Fernando Reynolds de Sousa.

Nascimentos

Teve a sua «delivrance» a senhora D. Maria José Marreiros Portela, esposa do distiuto escultor sr. Sever Portela Junior. Mãe e filho encontram-se bem.

Exposição de rosas

Continua sendo todas as tardes um elegantissimo ponto de reunião, a magnifica exposição de rosas que no sabado se inaugurou no «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, na qual são expositores os conhecidos floricultores do Porto, Mendonça e Silva & Filhos.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa primeira sociedade dará «rendez-vous» ámanhã de tarde na tradicional «matinée» do Cinema Condes e á noite no S. Luis, festa artistica e despedida do velho actor José Maria Correia.

Doentes

Continuam de cama com «gripe» as senhoras D. Eliza e D. Maria Segurado de Castro, gentis filhas do sr. dr. Augusto de Castro.

Fazemos sinceros votos pelo seu pronto restabelecimento.

— Está felizmennte livre de perigo a senhora D. Virginia de Aboim Sarzedas, esposa do sr. Sebastião Sarzedas.

Em viagem

Com suas gentilissimas filhas D. Maria do Loreto Manuel e D. Maria do Carmo, deve partir na proxima segunda feira, para a sua esplendida quinta do Viso, perto da Figueira da Foz, a senhora D. Maria do Loreto de Borja Trindade.

— Na proxima quinta-feira deve partir para Paris com sua esposa, a senhora D. Maria Augusta de Carvalho Moraes, demorando-se ali apenas duas semanas, o sr. Eurico de Morais, que poucos dias depois do seu regresso seguirá para o Rio de Janeiro com seus filhos Julio e Eurico, onde vai visitar seu pai, o ilustre titular sr. visconde de Moraes.

— Parte por toda esta semana para Marrocos o sr. Vitor de Alcantara Knotz (Sobrinho).

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e errupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acnó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

POLITEAMA

Empresa Luis Pereira

Telef. N. 3028 A's 21,30

HOJE — Penultima representação da peça de grande exito

O REGRESSO

Quinta-feira — 1.ª representação de

A menina virtuosa

A' MARGEM DA TRAVESSIA AEREA DO ATLANTICO

A vida a bordo do "Bagé"

À mil e quinhentas milhas dos penedos de S. Pedro --- Porque não existe a sedução de bordo? --- Uma explicação que o jornalista encontrou --- O encanto novo de uma longa travessia por mar --- "C'est la guerre"!

(Do nosso enviado especial)

A bordo do «Bagé» — Maio. — ... Porque a sedução de bordo não existe — escrevia eu há dias, quando o *Bagé* navegava ainda proximo da costa portuguesa e o mar era mais azul e o ceu era mais claro do que nestes 24° de latitude N. e 21° de longitude W. em que navegamos agora. E não existe, em boa verdade — para o nosso caso pelo menos — aquilo a que se pode chamar a sedução de bordo, o encanto das grandes viagens transatlanticas, a alegria infantil e o convivio ameno de quem viaja numa pequena cidade flutuante deste imenso país, povoado de milhões de seres, que se chama o oceano Atlantico.

A bordo do *Bagé* não se vive aquela existencia dulcissima, entre musica e flôres, que eu tinha lido algures; a vida que passa e ficamos com pena de a ver passar; o dia sempre em festa e a noite povoada de sonhos côr de rosa, em que perpassam pela nossa fantasia figuras vaporosas de mulher. Os deliciosos dias de vilegiatura sobre o mar, num grande paquete da carreira do Brasil, aquela magnifica existencia de sedução e encanto de que me tinham falado dez amigos, quando sai de Lisboa desta vez — e com que magua o escrevo! — não fizeram viagem comnosco. E' certo que tinham marcado um camarote de luxo, mas, como estavam já todos ocupados, tiveram de ficar em terra...

* * *

Há, na verdade, para mim, o encanto novo de fazer uma longa travessia por mar—por este mar imenso que acariciou as primeiras velas portuguesas, no alvorecer do seculo XV, e que a aza gloriosa do *Lusitania* sublimou, concedendo aos portugueses o direito de lhe chamar o *mare-nostrum*. Viajar durante muitos dias entre o azul do ceo e o verde-glauco do aceano; sentir-me embalado por esta onda amiga e tão suave e tão inofensiva, que ainda não lhe senti o efeito sobre a fraqueza humana que faz das tripas coração; entregar-me de tarde, no convez ou no *spardek*, a esta doce melancolia de ver o sol a tingir de vermelho a ultima nesga de poente; não ter cuidados e viver apenas esta vida frivola, esta vida, ligeira, esta vida de trese milhas á hora, tudo isto constitue para mim uma novidade e, talvês, uma desilusão.

Vem a gente para bordo com os ouvidos cheios de tanta coisa que nos disseram, de tanta beleza que nos pintaram, de tanta frivolidade que nos encareceram, ao ponto de imaginarmos que vamos levar uma vida encontadora, de sonho e de quimera, que não podemos deixar de ter uma desilusão, ao segundo dia de viagem. E' uma das coisas mais desagradaveis para a sensibilidade de quem viaja terem-lhe dito maravilhas desta cidade ou daquele país; terem-lhe pintado a vida de bordo com as côres mais deliciosas que o pincel da imaginação possa combinar; transformaram o episodio mais banal deste mundo num canto das *Mil e uma noites*, marchetado de estrelas e pedras preciosas; terem deslumbrado os olhos do viajante habituados a olhar a sombra, com uma profusão de lampadas de mil cores, tal qual como se deslumbra um selvagem da Australia com um colar de vidrilhos que não vale um centimo; inventarem mundos e fundos, quando o mundo é só um e o mar é sempre o mesmo e sempre belo, quer se atravesse num grande transatlantico, com todo o conforto de um hotel de luxo, de um hotel de principes e milionarios, quer sobre uma caravela tão fragil como as primeiras naus que foram pelo Atlantico em busca do caminho maritimo para a India.

E se compararmos uma viagem desses tempos, com todos os perigos e todas as belezas e todas as emoções de uma longa travessia, em que o menos que se podia arriscar era a vida, com este conforto moderno de comida a horas certas, musica, jogo, dança, ginastica e «flirt», que é a ginastica de quem não faz outra, como não havemos de ter um grande orgulho em termos sido os primeiros a sulcar o mar, o már vastissimo e tenebroso dos antigos, em todas as direcções, nas longas e duras travessias que vão de continente a continente e de polo a polo?!

* * *

... Porque a sedução de bordo não existe —a bordo do «Bagé». O tempo, ai de nós que ainda temos muitos dias de viagem! decorre com um ligeira monotonia, que deriva mais de fazer todos os dias a mesma coisa, ás mesmas horas e com a mesma ausencia de entusiasmo e de louco anseio que são as caracteristicas duma vida intensa, da existencia fugaz do dia a dia duma grande cidade, do que da falta de divertimentos que são proprios dos luxuosos palacios flutuantes que atravessam o Atlantico, em duas ou três linhas de navegação.

Aborrecemo-nos precisamente porque temos a preocupação de não-nos aborrecermos.

A principio, como é de uso, ninguem estranhou o acanhamento das primeiras horas, sabido como é que no mar alto a psicologia dos viajantes toma o rumo que mais lhe convem tomar. Os tristes tornam-se alegres; os que falam pouco abrem a torneira da eloquencia e deixam correr a agua limpida das ideias até se inundar o convez; os reservados tornam-se comunicativos e as estrelas ouvem, por vezes, segredos que queimam os labios; os menos amorosos entregam-se á doce contemplação da mulher e ouvem-se palavras soltas, que o vento leva para longe, de misteriosas confissões de amor ditadas por uma sinceridade propria das grandes viagens, em que se levam muitos dias vendo apenas ceu e mar; os fracos mostram-se fortes e até as velhas parecem mais novas e as feias mais bonitas—a duas mil milhas da costa.

Mas depois do primeiro dia veiu o segundo, o terceiro, o quarto e o acanhamento das primeiras horas continuou a pesar sobre o navio, como uma lamina de chumbo sobre o caixão duma virgem que vai direitinha ao ceu.

E agora, que viajamos a menos de duas mil milhas dos penedos de S. Pedro e a brisa de Cabo Verde ainda não deixou sentir os efeitos do calor, que mais para o sul ha-de ser o grande martirio da viagem, não mudou ainda a psicologia de bordo e a mesma senhora alemã que no primeiro dia abriu a boca—não posso afirmar se de sono, se de aborrecimento—voltou ante-ontem e ontem e hoje a abrir a boca, talvez de sono e talvez de aborrecimento..

* * *

Mas por culpa do *Bagé?* Oh, não! pelo amor de Deus! O antigo *Sierra Nevada* é um dos melhores barcos do Lloyd Brasileiro, é quasi um navio de luxo. O comandante Costa Mendes, que tem uma tradição interessante ligada ao seu nome, tem sido gentilissimo para nós, para toda a gente.

A tripulação é duma hospitalidade e duma afabilidade acíma de todo o elogio. Os passageiros, de nacionalidades diversas, são as melhores pessoas deste mundo, inteligentes, ilustradas, conversadoras, duma educação de 1.ª classe, falando o português tão bem que não precisamos falar outra lingua a bordo para nos entendermos claramente, como se estivessemos em Lisboa, a uma esquina da «Havaneza».

A comida é excelente; há vinho de Colares,—porque preço não sei—macarrão á italiana e pescada á portuguesa, como se fôsse pescada ontem em Cascais.

Ha três pianos, um na sala de musica e outro no jardim de inverno; dois violinos, um violoncelo e três musicos que sabem da sua arte. Há um par dançante, algumas vezes dois, todas as noites, no extremo do convez, mesmo em frente da popa—onde a lampada electrica que ilumina o avião lembra uma barraca da feira de Alcantara, como diz o nosso tenente Marques, que depois se verá quem é.

O jardim de inverno, a essa hora, transforma-se num delicioso café-concerto, frequentado por gente *chic*, só gente da alta, e ha uma alegria discreta sobre o piano, as mesas e as cadeirinhas de verga, uma alegria que se estende á sala de fumo e vai ainda pelo mar fóra, levada na espiral azul dos cigarros *Jockey Club* e nas vozes alegres dos que se divertem, até que o ultimo rumor se perde numa onda mais distante.

Ha tudo isto, na verdade, e mais alguma coisa. Mas porque será que os passagéiros levam horas inteiras a passear no convez, da prôa á ré e de bombordo a estibordo, e eu já surpreendi uma pessoa que nunca se aborrece a esconder um bocejo dos olhares indiscretos de quem se diverte?

Ah! falta alguma coisa, lá isso falta. Ha-de haver, forçosamente, logicamente, uma razão qualquer para os passageiros deste magnifico *Bagé* não levem aquela vida de constante distracção que se vive a bordo de um grande palacio flutuante da Mala Real Inglesa, por exemplo. Ha de haver um motivo que explique esta reserva, esta não convivencia, este formar de grupinhos de Camara de Deputados, que andam para trás e para diante e se encostam á amurada do navio a ver quebrar as ondas de encontro ao costado. Aqui deve haver uma politica qualquer, que não é positivamente a politica da União Sagrada.

Se eu adivinhar qual é, ainda hoje venho contá-la, para os senhores lerem...

* * *

Eureka! Eureka! Já descobri o que faltava. Já lhes posso dizer a razão porque o tempo vai decorrendo monotonamente, sem aquele encanto e aquele desejo de nunca mais acabar que eu tinha lido em Gomez Carrilho, o cronista vagabundo e o literato subtil das viagens transcontinentais. Já sei porque estranha razão nós levamos a bordo do *Bagé* uma existencia que não chega a ser aborrecida, mas que tambem não é a vida que eu sonhava.

Já sei porque motivo não há a bordo aventuras galantes, um jornal, um cinema, uma pontinha de alegre convivio e outras distracções proprias duma cidade, duma praia, ou de um grande transatlantico. (E porque não havemos de dizer um grande transindico ou um grande transpacifico? Talvez porque o Atlantico seja um mar elegante, um mar do bom tom...) Já descobri a misteriosa razão porque não chega a haver quasi convivencia a bordo do *Bagé*, onde cada um convive com os seus botões, e, quando muito, vagamente, com o seu companheiro de camarote. E por mais estranho que isto pareça, posso afirmar aos senhores que é assim mesmo, tal qual como os meus olhos acabam de vêr, para confirmar o que o meu espirito já tinha adivinhado através segundas palavras soltas de uma conversa que foi caindo lentamente á agua, da amurada do navio.

C'est la guerre!

* * *

Sim, é a guerra. E' o tratado de paz, é a conferencia de Genova, é Poincaré, é Tchitcherine, é Rathenau, é Lloyd George; são eles os responsaveis desta monotonia a bordo dum navio do Lloyd Brasileiro—que nada tem de comum com Lloyd George. Esta viagem é envenenada pelos politicos, pelos homens que fizeram a guerra, pelos homens que assinaram a paz, pelos internacionalistas de ideias frageis—de ideias de papel de seda.

A bordo desta cidade de 9.000 toneladas e 500 habitantes ha dois grupos distintos e uma só politica verdadeira: a politica da guerra. Ha o grupo alemão e ha o grupo francês. Tanto um como outro não sabem o que é transigir, no convez, na sala de musica, no jardim de inverno, na sala de jantar, em toda a parte onde se passa o tempo. Quando os franceses aplaudem discretamente Berlioz ou Debussy, os alemães guardam um silencio significativo, um silencio reservado, que tem as suas raizes nos campos do Marne e nos fortes de Verdun. Pelo contrario, quando o violinista dispersa pela sala de jantar as notas de «Tristão e Isolda» ou um trecho de qualquer obra de Wagner, os alemães batem as palmas com tanto entusiasmo como se estivessem na Opera de Berlim.

Agora mesmo, em frente desta secretaria onde estou escrevendo, uma senhora alemã, alta como a torre de Pisa, vai tocando piano o *Deustchland über alles*. Outra senhora da mesma nacionalidade acompanha com uma garganta de terceira classe. Um alemão vermelho, de avantajadas proporções abdominais, estabelecido com uma qualquer fabrica de produtos oleaginosos no Rio Grande do Sul, vai pondo um baralho de cartas em linha de combate: os valetes e os reis, de penacho guerreiro e um grande ar de comando, á frente da tropa miuda e as damas á rectaguarda, nos hospitais de sangue. Lá está ele a preparar uma carga de cavalaria. Deu agora o sinal de avançar á desfilada...

Mas ha mais ainda. Uma alemã de olhos muito doces, com uma grande expressão de bondade vincada nas comissuras dos labios, começou tambem a cantar o hino do kaiser com uma vozita agradavel de soprano ligeiro e logo outras caras prussianas assomaram á entrada da sala, o olhar em flama, a face congestionada e a garganta a entoar já com toda a alma o *Deustchland über alles* dos quarteis, dos campos e das florestas da Alemanha. Vieram mais, vieram todos. Duas senhoras de certa idade, que não têm idade certa, e que faziam a sua renda, estiradas nas longas cadeiras de bordo, deixaram os bilros e a agulha e vieram tambem.

Veiu uma criada com dois *bébés* ao colo, duas crianças rechonchudas que começaram a pular nos braços da ama, movidas pelo instinto, que é um sentimento que se observa nas crianças tão desenvolvido como nos animais. E dali a pouco todos os alemães cantavam a plenos pulmões e um grande côro enchia toda a sala, espalhava-se pelo convez e avançava ainda pelo mar fora, tão impudentemente, como os exercitos do kaiser passaram pelas ruas de Bruxelas.

Duas criancitas francesas, rosadas e loiras, dum loiro oxigenado, duas crianças deliciosas de Poulbot, treparam a um banco do convez e abriram muito os olhos azues, encostando a face mimosa ao vidro da janela. Tive a impressão de que aquelas duas crianças choravam, não sei dizer porquê.

Os alemães, por fim, vieram amavelmente pedir-me desculpa, em português. Eu não podia escrever com aquele *charivari* patriotico e que estavam a ser indelicados. Respondi-lhes delicadamente que não, que podiam continuar, se quizessem, e fechei a cronica.

... As duas criancitas francesas, lindas como dois anjos loiros, tinham ainda a facesinha mimosa encostada ao vidro da janela. E choravam.

Norberto Lopes

PAPELARIA VIUVA MARQUES
ARTIGOS PARA ESCRITORIO
Sortimento completo de livros para escrituração comercial. Preços modicos.
36, Rua do Ouro—Telefone: 267

"DENTALINA" A bôa higiene da bôca, alvura e conservação dos dentes, só se consegue usando esta marca, por ser superior a todas as pastas. Deposito Geral Rua do Loreto, 55, 1.°

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Botas de elastico

Gago Coutinho, que é um homem de espirito, declarou que não usa senão botas de elastico.

E' uma boa piada. Já a historia da bengalinha provou ao nosso tempo que o navegador do ar tem qualquer cousa de blagueur, *fazendo-se acompanhar para tão audaciosa viagem de um simples adereço de passeio.*

Esta sua declaração agora de que prefere as botas de elastico, as autenticas e legitimas botas dos nossos trisavós, ás elegantes formas modernas de atacar, isto quando toda a gente faz de Gago Coutinho um homem do seu tempo, ou mais, do tempo futuro que ele rompeu a golpes de sextante—é singular.

As botas de elastico hoje são, como se sabe, um simbolo. Quere-se dizer que uma pessoa é indigna do Chiado estetico, que não pesa um grama na balança de arte requintada, que desconhece as modernas teorias de ter talento sem o provar, de ter uma obra sem a fazer, confessa, emfim, que uma creatura de Deus está melhor com os tempos de seus pais do que com os tempos habilidosos que hão de vir—chama-se-lhe «botas de elastico».

Por exemplo; Columbano, Teofilo, Junqueiro são botas de elastico; mais proximo de nós, Raul Brandão, Augusto Casimiro, Leonardo Coimbra, Aquilino Ribeiro, Francisco Santos, Jorge de Abreu, Augusto Gil—são botas de elastico.

E' nesta altura que Gago Coutinho, a quem se atribue um passo estupendo no avanço da sciencia moderna—ele, representação heroica da aventura magnifica raciocinada dos nossos Maiores—é nesta altura que Gago Coutinho se declara impenitentemente botas de elastico.

Eis uma definição imprevista. Não sabemos como alguns classificadores se hão entender com esta dissonancia. Quanto a nós, que participamos do respeito devido a todas as botas, desde que elas sejam polidas, não nos furtamos a dar á declaração do novo navegador do ar um sentido meramente local e transitorio, e que talvez sirva a tirar de embaraços os nossos simpaticos sapateiros de bota fina, de bota papo sêco, de bota de verniz, pretenciosamente representativa do tacon rouge.

O que Gago Coutinho quiz dizer na sua, numa pontinha de espirito ironico, é que o valor dos homens não se aquilata pelos pés, mas sim pelas azas. E quanto ao «elastico». estava na coerencia: é preciso de facto ter uma grande elasticidade na alma e na vontade para se dar um salto de Portugal ao Brasil, não se sendo de mais a mais frequentador da Garrett.

N. de A.

Entre monarquicos

Do sr. dr. Alberto de Monsaraz recebemos a seguinte carta:

«*Sr. director do «Diario de Lisboa»*:—Tendo ontem lido no seu jornal uma referencia ao meu nome, a proposito de supostas cartas trocadas entre mim e a antiga Junta Provincial Integralista do Douro, venho declarar a V., pedindo-lhe que torne publica esta declaração, que, achando-me neste momento inteiramente afastado da vida politica activa, não tinha que receber cartas de politicos, embora integralistas, nem tinha, por isso, que responder-lhes. Agradecendo a publicação destas linhas, subscrevo-me, com muita simpatia e a maior consideração, de V. etc., *Alberto de Monsaraz.*—Lisboa, 28 de Maio de 1922.

CAMBIOS
DIA 29

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	64$000	66$000
Londres, cheque	4 3/14	4 1/16
» 90 d. v.	4 5/16	—
Rio Londres	—	—
» Paris	1$173	1$209
» Italia	$675	$696
» Belgica	1$093	1$117
» Suiça	2$460	2$536
» Espanha	2$033	2$095
» Berlim	$043	$047
» Holanda	5$016	5$170
» Nova-York	12$881	13$275
» Austria	1	3
L. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	1.200	1.350

LISBOA NEGRA

O TRIBUNAL DE DEFEZA SOCIAL
A POLICIA E O CRIME

O "DIARIO DE LISBOA" ENTREVISTA O JUÍS SR. DR. FERREIRA DE SOUSA, QUE ENVIOU TESTEMUNHAS AO SENADOR SR. RIBEIRO DE MELO

Os jornais deram a noticia. O sr. dr. Ferreira de Sousa enviou testemunhas ao senador sr. Ribeiro de Melo, por ter visto, no relato duma sessão, que ele proferira afirmações atentatorias da dignidade do Tribunal de Defesa Social.

O sr. Ribeiro de Melo declarou que os jornais deturparam as suas palavras e que se limitara a preguntar o que haveria de verdade nas acusações que se faziam ao Tribunal. Porque existe realmente uma campanha contra ele. Movida por quem? com que intenções?...

Tudo isto nos levou a procurarmos o juiz sr. dr. Ferreira de Sousa, uns 27 anos que já contam 2 atentados e promessas de muitos outros:

—Acusam o Tribunal de Defesa Social de proteger os ladrões, os individuos cadastrados. Como se nós tivessemos alguma coisa com a qualidade dos reus que julgamos, desde que os seus crimes não estejam sob a alçada ao Tribunal!...

—Destina-se apenas ao julgamento de...

—...crimes de vadiagem, fabrico e uso de explosivos, poucos mais.

—De quem é então a culpa das absolvições constantes?

—Da policia. Por varias razões:—umas vezes manda para lá individuos sem a menor suspeita de vadiagem, sem a mais pequena prova; outras, indica como testemunhas de acusação pessoas que vão lá abonar as qualidades de trabalho dos reus ou não dizem nada. Chegam os agentes de policia, por vezes, a contradizer no julgamento o que assinaram nos autos.

—Por exemplo: no caso dos grevistas da Carris...

—E' verdade. Fez bem em lembrá-lo. O publico não sabe ainda porque foram absolvidos esses homens, que os jornais haviam acusado de tão graves crimes. As acusações dos autos eram terriveis: incitamento ao uso de bombas, ao atentado, etc. Os agentes que assinavam essas acusações, ao sentarem-se no banco das testemunhas, renegaram tudo. Não tinham ouvido nada daquilo. «—Então, porque assinaram?» «—Por ordem de superiores nossos. Nem sequer nos foram lidas as acusações.» E assim se prende gente e assim se conservam homens nas cadeias.

—O tribunal até autoou esses agentes.

—Já são cinco vezes que isso acontece. Acusam-nos de dar *descomposturas* neles. Como se não tivessemos estrita obrigação de verberar quem assim procede, lançando demais a mais sobre o tribunal as culpas de absolvições que são da exclusiva responsabilidade da policia!

—V. ex.ª entende que a organização da nossa policia devia ser modificada?

—Mas, é claro! Criar, entre nós, a policia scientifica, não deixar fazer agentes sem pelo menos um ano de preparação e de selecção numa escola propria, remunerá-los bem, de maneira a preservá-los...

—V. ex.ª tem algum plano a esse respeito?

—Tenho sim. Brevemente publicarei mesmo um estudo sobre o assunto. Não apenas sobre a organização da policia, mas tambem sobre o sistema penal e o regime prisional, que é indispensavel modificar.

V. ex.ª entende que...

—Devemos transformar as cadeias de escolas do crime, em logares de regeneração. Tornal-as uteis, em logar de prejudiciais. Crear colonias agricolas, oficinas...

—Vantagens?

—Por um lado, diminuir a criminalidade, que está subindo pavorosamente. Por outro, tornar uma fonte de receita o que hoje é um cancro para o país, dando-lhe um prejuizo brutal.

—Quanto ao Codigo Penal?

—E' idade da pedra pura. Torna-se urgente modificá-lo. Foi feito sob a influencia de ideias hoje inteiramente banidas. O individualismo faliu absolutamente, estrondosamente. Torna-se necessario deixar de se atender apenas ao crime, para se atender tambem á qualidade do reu».

O sr. dr. Ferreira de Sousa é um apaixonado pelo estudo da criminologia. Conhece sobre o assunto as conclusões mais recentes da sciencia, o que é muito, numa terra onde pessoas encarregadas de altas missões da especialidade ficam caladas ante um jornalista que lhes pregunta quais são as razões do extraordinario desenvolvimento da criminalidade...

O que o nosso entrevistado nos disse sobre a assunto, não o podemos, por exiguidade de espaço, escrever aqui.

Fá-lo-ha ele no seu anunciado estudo.

—Para terminar, acentue bem isto:—a responsabilidade da absolvição ou da condenação dos reus não nos pertence a nós, mas sim unicamente á policia. Se ela nos fornece provas, nós condenamos. Se ela não no-las dá, que havemos nós de fazer?...

De resto as absolvições, em 2 anos de funcionamento do tribunal, não atingem 35 o/o do numero dos julgamentos. Já vê que a tal campanha...

Albergue das Creanças Abandonadas

Os proximos festejos

A comissão encarregada de organizar as festas comemorativas do proximo aniversario do Albergue das Creanças Abandonadas tem continuado a receber importantes adesões, entre as quais figuram mais duas bandas de musica, Concentração Musical 24 de Agosto «Banda da Republica» e Academia Filarmonica «Verdi».

Numa das recitas e concertos musicais que se projectam realizar no elegante teatrinho do Albergue, tomará parte o celebre e popular guitarrista sr. Carmo Dias.

Os gatunos de arrombamento

Um roubo de 4:140 escudos

Victor Augusto das Neves, rua Julio Diniz, queixou-se á policia de que os gatunos lhe entraram em casa por meio de arrombamento, tendo-lhe furtado varios objectos no valor de 4.140 escudos.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

CARVÃO DE COKE

JÁ RECEBEMOS, SENDO FEITAS AS ENTREGAS AOS DOMICILIOS EM SACAS SELADAS DE 50 QUILOS

Pedidos a RAUL VIEIRA, L.DA

RUA DA PRATA, 51 Telefones: 3586 e 2194 Central

Os Teatros

Maestro Manuel Benjamim

A comissão encarregada de administrar a receita da festa de homenagem a Manuel Benjamim e que resolveu por unanimidade distribuir-lhe uma pensão vitalicia de quatrocentos e cincoenta escudos mensais é composta pelas actrizes D. Angela Pinto, D. Auzenda de Oliveira e D. Sofia Santos; actores Eduardo Brazão, José Ricardo, Jorge Roldão, Armando de Vasconcelos, Silvestre Alegrim, Otelo de Carvalho e Joaquim de Oliveira; maestros Luís Filgueiras, Filipe Duarte, Cruz Braz, Alfredo Mantua e Xavier Roque; drs. Ramada Carto e Ricardo Jorge; Eduardo Fernandes (Escalapio), João Pereira, Felix Bermudes, Lino Ferreira e Alfredo dos Santos.

Um gesto elegante

A primeira sociedade de Lisboa resolveu, segundo nos consta, dar «rendez-vous». durante esta semana, no Nacional, num gesto de homenagem e de admiração pelo talento e as excelsas qualidades que exornam a figura da ilustre poetisa D. Branca de Gonta Colaço, autora da encantadora peça ali em scena, «Auto dos Faroleiros». A circunstancia de, durante a ultima semana, se terem efectuado varias festas eleganies, marcadas de ha muito, impediu que esta homenagem tivesse sido já prestada, como era desejo de muitas senhoras. Pelo facto muito nos congratulamos.

A despedida do actor José Maria Correia

E' ámanhã que no teatro de S. Luís se realiza a festa artistica e despedida da scena do velho actor José Maria Correia, organizada por um grupo de amigos. Representam-se, como temos noticiado, pela ultima vez esta temporada, o 1.º e 3.º actos da opereta portuguesa «A Leiteira d'Entre Arroios», na qual o festejado tem um magnifico trabalho no papel de «Jurisconsulto». Completa o espectaculo um grande acto de variedades em que tomam parte o distinto baritono Antonio Garcia, que se fará ouvir no «prologo» dos «Palhaços»; a cantora D. Isabel Fragoso de Almeida, que cantará o «rondó» da «Lucia da Lammermour»; o baixo Miguel Orrico, deliciará a assistencia com a «despedida do capote» da «Bohéme»; a actriz cantora D. Aldina de Sousa executará a «Romansa da Santusa» da «Cavalaria Rusticana»; e a estreante D. Laurinda de Almeida cantará uma canção, Todos estes numeros serão acompanhados a orquestra sob a regencia do maestro Luís Gomes.

No final do terceiro acto da opereta «A Leiteira d'Entre Arroios» será prestada por toda a companhia uma sincera homenagem ao festejado, que retira do teatro.

Atrás do reposteiro

O teatro Maria Vitoria, no Parque Mayer, deve ser inaugurado no começo do proximo mês, com a revista *Lua Nova*, de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

— Concluiram já o primeiro acto da revista que destinam ao Chiado Terrasse, os escritores D. José Paulo da Camara, Antonio Carneiro e Luna de Oliveira.

— A Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro faz *reprise*, no Politeama, na proxima quinta-feira, da peça *A Menina Virtuosa*.

— O film *Atlantida*, exibido no Coliseu dos Recreios, produziu o maior dos sucessos.

— No Apolo faz-se, na sexta-feira, *reprise* da revista *Porto, tantos de tal*, com uma apoteose em que figura um electrico atravessando a ponte D. Luís, no Porto.

— Otelo de Carvalho representará, na noite da sua festa, no Foz, o original em verso, de Antonio Carneiro, *A eterna questão*.

— Diz-se que a Companhia Barreto-Ballester, antes de seguir novamente para Espanha, dará alguns espectaculos no S. João, no Porto.

— Propõe-se explorar o Eden-Teatro com a sua Companhia o actor Otelo de Carvalho, para o que já apresentou proposta á Empresa O'Donnel, Lino Ferreira.

— Inicia a sua *tournée* em Braga a Companhia que fez a época de inverno no Aguia de Ouro e que vai percorrer a provincia.

— A musica da revista *Lua Nova* será toda do maestro Alves Coelho que, por esse motivo, não colabora noutra qualquer peça por agora.

— Na festa da actriz Lina Demoel, que no proximo dia 2 se realiza no Salão Foz, a ilustre actriz Angela Pinto dirá com gentileza interessantes cançonetas. A festejada, além de novos numeros na revista *Piparote*, desempenhará com José Moraes o dueto «Melena e Pastinha», da revista *Burro em Pé*.

CARTAZ

S. Carlos—Não ha espectaculo.
Nacional—A's 21—«A Boneca»
S. Luís—A's 21—Festa de Antonio Gomes.
Politeama—A's 21,30—«O Regresso».
Avenida—Não ha espectaculo.
Apolo—Ás 21—«Belo Sexo».
Chiado Terrasse—A's 20,30 e 22,30—«Tiro ao Alvo».
Eden-Teatro—A's 21—Companhia espanhola de zarzuela.
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30—«Piparote».
Coliseu dos Recreios—Animatografo.
Gil Vicente (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas feiras—«Pim Pam Pum».
Teatro dos Anjos—Ás 20,30—Companhia de variedades

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

COMO É DA PRAXE...

A AGUA VAI FALTAR!

"Das providencias que vamos tomar só poderemos vir a aproveitar para o ano que vem"

diz o sr. ministro do Comercio ao "Diario de Lisboa"

Quando ha dias procurámos o sr. Lima Basto, ministro do Comercio, a fim de recolher as suas impressões sobre a eterna e grave questão da falta de agua em Lisboa, s. ex.ª prometeu-nos que falaria depois de conferenciar com o sr. Carlos Pereira que, como toda a gente sabe, é director da Companhia fornecedora do precioso liquido,

A conferencia realizou-se e nós fomos hoje até ao ministerio do Comercio, em busca da prometida entrevista.

O sr. Lima Basto, que recebe muito bem os jornalistas, começa por nos declarar que o assunto está entregue a uma comissão. E aqui surge o nosso receio de que as torneiras se fechem de vez...

—Encarreguei o sr. Carlos Pereira, director da Companhía, de superintender nos trabalhos tendentes a remediar o mal.

—Todos os anos se tem feito o mesmo...

—Não é razão para que se não faça agora. Vamos a ver se daí e dos trabalhos da comissão sai alguma coisa de pratico...

—Existe um projecto?

— Existe, sim. E é da sua aplicação que vêm as minhas esperanças de que esta questão se solucione de vez.

— E para quando esta solução?

— Evidentemente, só para o ano que vem. Inda as obras não começaram e o verão já nos apoquenta.

— Quere dizer que este ano temos de passar os mesmos tormentos dos anteriores...

— Mal sem remedio... As causas persistem. Não é que o Alviela tenha falta de agua. os sifões é que não comportam mais liquido. E no verão — v. sabe — o consumo...

— Vão então começar as «bichas» nos passeios, as corridas aos capilés...

— E' provavel. Mas que havemos de fazer? Se o mal vem de traz...

«Os «erros que de longe vêm» continuam a ser, pois, o nosso pesadêlo...

— O que vale é que para o ano...

Se o leitor acreditar tanto como nós...

O burlão do azeite

Já foi recapturado

Já se encontra novamente preso o conhecido gatuno Mario Franco que, como noticiámos, se evadira dos calabouços do governo civil, e que é acusado de ter praticado varias burlas pelo processo das vendas de azeite mais barato.

Scena violenta de pugilato

Cêrca das duas horas da tarde, em pleno Chiado, proximo da Havanesa, deu-se uma violenta scena de pugilato entre um oficial superior do exercito, muito conhecido pelas suas faculdades literarias, e um capitalista que tem o seu nome ligado a varias empresas proprietarias de automoveis.

Os dois contendores socaram-se e agrediram-se á bengalada com valentia, sem que os curiosos que á sua roda se juntaram tentassem sequer separá-los. A certa altura o capitalista tirou do bolso uma pistola, sendo nessa altura agarrado por um policia que apareceu correndo.

Trata-se duma questão de ciumes, que segundo nos afirmaram, não são fundamentados.

Conduzidos ao Governo Civil, depois de declararem que nada pretendiam um do outro, foram postos em liberdade, visto terem jurado por sua honra ao oficial de serviço que se reconciliariam depois de ámanhã, durante a inauguração do Cafe Restaurante Roma, rua do Mundo, 100 a 104.

AS ULTIMAS PRISÕES

Não ha revolução

Os centros republicanos outubristas pretendem que o governo defina a sua atitude

Fala o sr. José de Macedo, secretario do partido do Fomento Nacional

Desde ontem que os centros republicanos, aqueles que aprovaram o outubrismo, têm suas bandeiras á janela e dizem que estão em sessão permanente. Para quê? Porquê?

As recentes prisões puzeram em embulição alguns espiritos politicos. Logo se disse: movimento! revolução! Nada disso. Quem o afirma é o sr. José de Macedo, secretario do Partido do Fomento Nacional, que é, como quem diz, do outubrismo legalizado e agrupado á sombra duma Republica, muito á esquerda.

A voz do sr. José de Macedo, outubrista depois do 19 de outubro, e que por isso desconhece inteiramente o que se passou antes dessa data, é uma voz pacifica, serena, de bom senso.

A explicar:

— Eu e os amigos que me acompanham, somos pela ordem. Já o disse em reuniões.

Reparámos:

— Mas os centros estão em sessão permanente. E o publico pergunta: para quê?

Informaram-nos:

—Para protestar, naturalmente.

Pegámos na palavra:

—Com naturalidade?

—Absolutamente!

—O que fazem agora?

—Vamos pedir ao governo que defina a sua atitude.

Observámos:

—Mas ele não tem nada com isso. As prisões foram ordenadas pela divisão...

Disseram-nos:

—Isso é para o publico. O governo fez disto uma questão politica...

Interrogámos:

—E os outubristas?

—Fazem outra... O governo teve conhecimento das prisões. Elas podiam deixar-se de efectuar, se ele quizesse...

Retorquimos:

—Mas o que fazem agora os centros outubristas?

—Esta agitação é proveitosa. O partido de Fomento Nacional que se estava constituindo, acelera agora a sua constituição...

—Constituição, quere dizer revolução?

— Sou pacifista... O governo pode lançar na agitação elementos outubristas... De quem é a culpa? Mas acredite: não ha nada.

Raciocionamos:

— Mas se os outubristas são uma corrente do partido democratico, temos democraticos contra democraticos.

Discordam da nossa opinião:

— Aqueles outubristas que tinham ingressado no P. R. P., estão agora contra o governo. Dos outros não se fala. A agitação é grande. Politica, no caso...

— Politica! Não compreendemos.

— Nós temos uma certa aura popular. Somos uma força. Pretendem-nos inutilizar.

— Os centros republicanos pedem a conclusão rapida do processo?

— Pedem! É evidente. É preciso que os presos sejam julgados e já!

— Está tudo então sossegado?

— Por mim, creio que sim. Sou pacifista, já lho disse... O governo é que veio agitar... Mas nada, não ha nada.

Era esta a principal opinião da Brasileira, antes das duas horas.

"Matinée" de homenagem

A que hoje se realizou no Eden-Teatro

Realizou-se hoje no Eden Teatro uma «matinée» de homenagem á companhia espanhola Barreto-Ballester, tendo assistido o sr. Presidente da Republica e o sr. ministro da Espanha. A festa resultou muito interessante, nela tomando parte os artistas dramaticos portugueses D. Jalzisa de Sousa, D. Laura Costa, Silvestre Alegrim, Carlos Shore, José David, etc.

A sr.ª D. Jalzisa de Sousa cantou, muito aplaudida, algumas canções populares, tendo a sr.ª D. Laura Costa cantado, tambem com muito aplauso, o fado «Gaiato», da revista «Piparote».

O scenografo Eduardo Reis Junior copiou as caricaturas dos principais artistas feitos por Amarelhe.

OURO
SÓ PELO PESO, SEM FEITIO
6, RUA DA PALMA, 12
UNICA CASA QUE TEM UM PAVÃO

MUSICA DE CAMARA

No concerto que a Sociedade Nacional de Musica de Camara efectua ámanhã no Salão do Conservatorio, destacam-se entre varios outros numeros interessantes, a «Suite» em sol de Bach, só para violoncelo, pelo violoncelista João Passos, e a Sonata de Alberic Magnard (1.ª audição em Portugal), pelo violinista Luís Barbosa. Tomam tambem parte madame Ema Barbosa, mademoiselle Alice Santos e a orquestra de arco da Sociedade.

Os naufragos do "Emilia"

De regresso ás suas terras

Apresentaram-se hoje no Instituto de Socorros a Naufragos, os tripulantes do vapor «Emilia» que haviam sido aprisionados pelos kabilas no rio Ouro.

Foi-lhes fixado um subsidio pecuniario e passagens para as terras das suas naturalidades.

Tiro ao alvo!

Um sucesso magistral

Quando, no fim do mês passado, depois de uma visita ao teatro Chiado Terrasse, onde então se procedia aos ensaios da revista «Tiro ao alvo!» saimos com a nitida impressão de que muito em breve o publico de Lisboa iria apreciar um espectaculo verdadeiramente sensacional, uma duvida nos constrangia. E era ela:—se o elegante teatrinho, devido á sua colocação em sitio onde a vida nocturna da cidade se deixou de concentrar como se concentrava noutros tempos, ele não viria, por este facto, a sofrer prejuizos quanto á sua concorrencia.

Para este genero de espectaculos ligeiros o seu local é de maxima importancia.

Hoje, porêm, constatando as consecutivas enchentes que á «mignonne boîte» da rua Antonio Maria Cardoso têm acorrido a nossa duvida desvaneceu-se por completo.

OS FERROVIARIOS

REUNEM EM JUNHO

Um congresso que tem o seu quê de importancia sobretudo para a vida do operariado

Ás principais teses que nele devem ser discutidas

Vai realizar-se em Lisboa, nos dias 2, 3 e 4 do proximo mez de junho, o primeiro Congresso Ferroviario Português. Num momento como o actual, de intensa renovação, quando as classes produtoras se preparam, se unem, em face da reviravolta determinada pelo estremeção da guerra, para a conquista de uma situação nova, em que julgam ver a realização de velhas aspirações economicas e até politicas, importa que este assunto se destaque, pelo significado social que pode vir a ter.

Como em todos os congressos, ha teses a discutir, ha ideias a expôr, ha planos que são o resultado de apreciaveis locubrações e de demorados estudos; ha, sobretudo, e de modo geral, uma notavel afirmação de trabalho que servirá para aquilatar da mentalidade dos congressistas.

Por exemplo: O ferro-viario sr. Miguel Correia, do Sul e Sueste, estudando os problemas dos salarios, ordenados, e horas de trabalho, proporá: que toda a acção da organização ferro-viaria portuguesa, se exerça no sentido da elevação dos salarios e ordenados e na defesa do principio das 8 horas de trabalho maximo em todos os ramos de serviço ferro-viario; que a seguir a uma concessão de aumento de tarifas, se exerça uma rigorosa fiscalização sobre a aplicação das receitas produzidas por esse aumento levando-se o Estado a oficializá-la em relação ás Companhias, com intervenção de representantes do pessoal; que numa modificação de salarios e ordenados se procure o equilibrio com o dispendio de forças fisicas e produção realizada, com uma simples e pequena divergencia, por necessidade da hierarquia disciplinar: e que, como principio basico de reclamação, se não aceitem salarios e ordenados inferiores aos da industria particular.

O sr. Carlos Guimarães, ferroviario tambem, levará para discussão dos congressistas uma tese sobre a «Orientação ideologica da classe e sua posição perante as deliberações dos Congressos Operarios Nacionais e Internacionais».

Já lemos a tese. Diz que a opressão origina sempre a reacção; que é preciso «abater o violento imperio dos usurpadores da Liberdade», etc.; fala de «maus arrepanhantes dos mais torvos grupos de potentados»; tem frases inflamadas contra a exploração do homem pelo homem e acaba por proclamar, como sintese do pensamento que diz animar o operariado, a «decidida integração dos ferroviarios na luta de classes; a orientação sindicalista, como acção combativa ou defensiva; o respeito pela autonomia sindical, e, como consequencia, a adesão da organização ferroviaria de Portugal e Colonias, por intermedio da Federação, á Confederação Geral do Trabalho portuguesa, e o não reconhecimento de qualquer organismo, agrupamento ou acção entre os ferroviarios divergente dos pontos de vista gerais estabelecidos no Congresso.

Tem o seu quê de interessante, não é verdade?

Mas haverá mais, e parece-nos que, sob este ponto de vista, digno de bem cuidada observação.

Numa outra tese, tambem do ferroviario sr. Miguel Correia, propõe-se, a proposito de relações internacionais, o seguinte:

Que se estreitem as relações com as Federações e Uniões Ferroviarias dos varios paises do mundo, obtendo desses organismos a maior soma de elementos possivel, sobre tudo quanto moral, economica, profissional, tecnica, social e sindicalmente possa interessar os ferroviarios portugueses; e se mantenha desenvolvida e estreita correspondencia com as Internacionais de Amsterdam e Moscovia, com a Internacional de Transportes, sem qualquer compromisso de ordem sindical.

Vê-se que o operariado não descansa na porfia das suas reivindicações.

Frutuoso Pires, Limitada

Torna-se publico que por escritura de 23 de Maio corrente, outorgada perante o notario Eugenio de Carvalho e Silva, de Lisboa, foi constituida a sociedade comercial por quotas «Frutuoso Pires, Limitada», nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta para todos os seus actos e contractos a firma «Frutuoso Pires, Limitada»,

2.º

A séde da sociedade é em Lisboa, e o seu estabelecimento na rua dos Anjos, n.os 21 e 23.

3.º

O seu objecto é o exercicio do comercio de retrozeiro, fanqueiro e modas e qualquer outro, que a sociedade resolva explorar.

4.º

A sociedade iniciou as suas operações em 1 de Janeiro de 1922, e durará por tempo indeterminado.

5.º

O capital social é de 36 contos, inteiramente realizado e corresponde á soma das quotas dos socios. A quota do socio Frutuoso Augusto Cesar Pires é de 34:500$00, e acha-se representada pelos diversos valores que constituem o activo, liquido do passivo, do citado estabelecimento social, constantes do respectivo balanço encerrado em 31 de Dezembro de 1921. A quota do socio Eurico Cesar Pires é de 1.500$00, em dinheiro, que já deu entrada na caixa social.

6.º

Nestes termos o socio Frutuoso Pires cede e transfere para a presente sociedade todos os valores que constituem o activo do designado estabelecimento na rua dos Anjos, n.os 21 e 23, que tem girado sob a firma «Frutuoso Pires», de que ele é unico proprietario, abrangendo a armação, mobiliario, utensilios, fazendas ou mercadorias, creditos e todos os demais bens e direitos (incluindo os do respectivo arrendamento) que constituem tal activo, com obrigação da sociedade pagar qualquer correspondente passivo, tudo nos termos do já mencionado balanço.

7.º

Se a sociedade carecer de suprimentos, ambos ou qualquer dos socios os poderão fazer, vencendo as respectivas importancias, juro igual ao da taxa de desconto do Banco de Portugal.

8.º

O socio Eurico Cesar Pires não poderá ceder a sua quota ou parte dela sem expressa autorização do socio Frutuoso Pires; a este, porém, é permitida a cessão, total ou parcial da sua quota sem consentimento daquele.

9.º

Ambos os socios são gerentes, podendo, portanto, qualquer deles uzar da firma social e representar a sociedade em juizo e fora dele, activa e passivamente, mas o exercicio da gerencia será obrigatorio para o socio Eurico Cesar Pires e facultativo para o socio Frutuoso Pires.

§ 1.º—O exercicio da gerencia não será caucionado, nem retribuido.

§ 2.º—O socio Frutuoso Pires terá especialmente a seu cargo a escrita e caixa sociais.

§ 3.º—O uso da firma é absolutamente proibido em actos ou contractos estranhos ao objecto social, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros similhantes.

10.º

Os balanços encerrar-se-hão em 31 de dezembro de cada ano e deverão estar aprovados até 28 de fevereiro.

11.º

Dos lucros liquidos apurados pelos balanços, deduzir-se-hão 5 % para a formação ou reintegração do fundo de reserva legal 5 % para constituição de um fundo de reserva especial de depreciação, e dividir-se-ha o restante pelos socios em partes iguais abatido o juro de 8 % com referencia á quantia, que um dos socios tenha a mais em capital.

Cada um dos socios poderá levantar da caixa social, por conta dos lucros, mensalmente até á quantia de 150$00, e por conta dos juros do capital poderá o socio Frutuoso Pires levantar igual quantia.

12.º

Esta sociedade dissolver-se-ha por acordo de ambos os socios ou pela vontade de qualquer deles e por falecimento ou interdição do socio Eurico Cesar Pires.

13.º

Dissolvida a sociedade por vontade de um dos socios, todo o activo e passivo sociais ficarão pertencendo ao socio Frutuoso Pires que pagará ao socio Eurico Cesar Pires tudo quanto, por balanço, então dado para tal fim, se apurar pertencer-lhe em capital, lucros, fundos de reserva, suprimentos e seus juros.

§ unico.—O pagamento da importancia assim apurada será feito dentro de dois anos da data da dissolução, vencendo as quantias em divida o juro igual ao da taxa de desconto do Banco de Portugal.

14.º

Dissolvida a sociedade, por falecimento ou interdição do socio Eurico Cesar Pires, os seus herdeiros ou representantes receberão do socio Frutuoso Pires, ao qual ficará pertencendo todo o activo e passivo sociais, o que se apurar pertencer-lhes nos termos do artigo anterior, e o respectivo pagamento será feito tambem conforme o estipulado no seu paragrafo unico.

15.º

Dado o falecimento ou interdição do socio Frutuoso Pires, os seus herdeiros legitimos continuarão na sociedade, exercendo em comum todos os direitos inherentes á respectiva quota, emquanto esta estiver indivisa.

16.º

Em todo o omisso regularão as disposições da lei de 11 de abril de 1901 e demais legislação aplicavel.

Lisboa, 25 de maio de 1922.

O notario,

Eugenio de Carvalho e Silva

CORREIAS

De couro, balata e pêlo de camelo

ACABA DE CHEGAR UMA

ENORME REMESSA

de correias de todos os generos, da importante fabrica

«Etablissements Léon Lohet»

de Verviers, Belgica

C. ACHON, LIMITADA

Deposito—RUA DE S. PAULO, 134, 136

Escritorio—RUA DOS SAPATEIROS, 39, 1.º

TOLDOS

Para estabelecimentos, janelas, terraços, embarcações, jardins e praias

EXECUÇÃO, REPARAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

ENCERADOS

Para vagons, camions, barcos, maquinas e carroças

VENDA E ALUGUER

Aparelhos em navios e ascensores. Costuras em cabos de linho, pita e arame.

Balões para defença, boias salva-vidas, coletes de salvação, etc.

Redes para Tenis e Foot-Ball, Lonas, Brins, Colões, Bandeiras, Cabos e mais aprestes para embarcações.

A ACTIVA

RUA 24 DE JULHO, 8, 8-A, 8-B

FUNDADA EM 1884

Telefone-C. 3474 e 1601 Telegramas ACTIVA

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

O «DIARIO DE LISBOA» Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril

Fabrica de

Ladrilhos

Mosaicos

Azulejos

Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

Telefone n.º 1244

LISBOA

CALDAS DA FELGUEIRA

BEIRA-ALTA

CANAS

AOS QUE SOFREM

Cura radical da: Bronquite, doenças do coração, flebitos, peles, gota e reumatismo artritico

AS MELHORES DA EUROPA

Hotel de 1.ª ordem

ABERTURA 1.º DE JUNHO

Informações: RUA DO OURO, 275

PASSAGENS e passaportes para a America do Norte, Brasil, Colonias, França, etc., em todas as companhias de navegação. Trata de toda a documentação o agente habilitado: H. Bravo. R. Vasco da Gama, 7, 2.º, E., á Moeda. Tel.: *Bravinhagem*.

INSTITUTO COMERCIAL

PEREIRA DE SOUSA

FUNDADO EM 1899

RUA NOVA DO ALMADA, 53

CLASSES ESPECIAIS DE HABILITAÇÃO RAPIDA PARA GUARDA-LIVROS E CLASSES GERAIS DIURNAS E NOCTURNAS. Por terem concluido os cursos alguns alunos, ha ainda algumas vagas por preencher. Pedir programas e condições.

Não confundir este antigo e acreditado Instituto com outras escolas com o mesmo titulo ou apelido.

Alvaro Lobo de Seabra

FALECEU

Elvira da Silva Seabra e filhos, Zulmira de Magalhães Seabra, Pedro de Seabra, Julio de Seabra, ausente, Jaime de Seabra, ausente, participam aos seus parentes e pessoas das suas relações o falecimento do seu saudoso e querido marido, pai, cunhado e irmão e que o seu funeral se realiza ámanhã, 30, pelas 16 horas, saindo o prestito funebre da Praça das Amoreiras, 18, 1.º, para o Cemiterio do Alto de S. João.

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A REVOLTA DA IRLANDA

O GOVERNO DO ULSTER

Adopta medidas de extremo vigor para fazer face á situação

Mortes em Belfast

LONDRES, 29

O governo do Ulster tem posto em pratica medidas de extremo rigor para fazer face á situação criada pelos excessos cometidos pelo exercito republicano irlandês, tendo ordenado muitas prisões de pessoas sobre quem recaem suspeitas de favorecerem os revolucionarios da Irlanda do sul.

O sr. Griffith verberou energicamente o assassinio do deputado da Irlanda do norte, Trraddell, que foi assassinado barbaramente numa rua de Belfast. Naquela cidade continuam os atentados. A policia de Londonderry prendeu muitos oficiais do exercito republicano e muitos civis que planeavam rixas de acordo com eles.

As negociações em Dorring Street prosseguem, sendo muito critica a situação.

O sr. Churchill demorar-se-ha em Londres toda esta semana para tratar dos assuntos irlandeses.—(U. P.)

DEPOIS DA GUERRA

A França pretende fazer uma politica de conciliação com a Alemanha

Caillaux!--gritam as direitas. Dissolução!--bradam as esquerdas

A' medida que se aproxima o dia 31 de Maio, a agitação aumenta em torno das reparações e das decisões que num sentido ou noutro hão de ser tomadas então.

Na Alemanha, a agitação não é grande, pelo menos do que se sabe até agora; o governo vai recebendo noticias dos acontecimentos franceses, perentorios e ameaçadores, com serenidade—pelo menos aparente—de quem está convencido de que as ameaças não passarão de palavras, ou de que nenhuma acção será capaz de lhes modificar as resoluções.

Por detraz desta serenidade estarão as reiteradas afirmações inglesas de que a Inglaterra não auxiliará a França, nem moral nem materialmente, na projectada ocupação da margem esquerda do Reno, fóra as outras medidas de fiscalização que hão de diminuir a soberania do Reich, direitos de que a França não quere prescindir?

E' possivel, é natural, é mesmo impossivel que assim não seja. Nem de outra forma se póde compreender que perante a resolução do governo francês de não abrandar o seu rigor, e usar integralmente dos seus direitos, segundo continua a anunciar firmemente, não póde compreender-se que a Alemanha não vibre alarmada, como há mais dum ano, quando da aplicação das ultimas sancções militares.

Então, parecia que um vento de loucura e desespero agitava a Alemanha de lado a lado. Hoje, pelo contrario, a agitação é antes, cá deste lado do Reno. Como compreender isto, sem a acção das mensagens secretas inglesas, tranquilizadoras, enviadas agora como noutras ocasiões em que se tratava de modificar os exageros do Tratado de Versailles?

* * *

As sessões do parlamento francês teem sido agitadissimas, vendo-se o presidente obrigado a encerrar a ultima no meio da maior desordem. Os oradores sucedem-se na tribuna, uns defendendo ardentemente uma politica de conciliação com a Alemanha, outros a intransigencia e o uso da força, pura e simplesmente. A's palavras dos primeiros correspondem as injurias e ápartes violentos das direitas, e os aplausos não menos violentos das esquerdas. Quando falam os partidarios da força, as esquerdas manifestam-se contra e as direitas a favor, furiosamente.

Os gritos e as pancadas nas carteiras fazem um barulho ensurdecedor. De tudo se conclue que há partidarios tão violentos dum como de outro procedimento.

* * *

Briand, acusado de ter sido o primeiro a entrar no que as direitas chamavam a capitulação perante a Alemanha, é alvo de invectivas e palavras injuriosas da parte de certos oradores, que chegam a censurar Poincaré por não ter usado para com ele da mesma politica de responsabilidade que Clemenceau para com Caillaux.

As direitas gritam:
— Caillaux! Caillaux!
As esquerdas respondem em unisono:
— Dissolução! dissolução!
Briand encolhe os ombros com um sorriso.

* * *

Um dos oradores da direita diz a Poincaré que ele não deve consentir que lhe chamem Poincaré-la-guerre. «Acabe com isso. Será suficiente prender os homens ou apreender os jornais que lhe dirigem tal injuria, e encontrar maneira de os suprimir legalmente!»

Tais são os sentimentos desvairados que agitam os partidarios duma acção violenta contra a Alemanha.

* * *

Um dos oradores da conciliação pretende demonstrar que o Tratado de Versailles, pela sua imperfeição, é inaplicavel, bastando como prova as sucessivas modificações que, contra vontade, tem sido necessario fazer-lhe constantemente.

A estas palavras a agitação aumenta: «Vá fazer-se aplaudir em Berlim!» gritam-lhe as direitas e o centro.

Quando um dos oradores partidarios da conciliação terminou o seu discurso, Poincaré disse:

—Falta saber se as suas palavras facilitarão a acção do governo em 31 de Maio.

Através as mais tempestuosas discussões, Poincaré conserva-se inalteravel. Nem contra, nem a favor, os oradores não influem no seu modo de encarar e resolver este problema momentoso.

* * *

O que se passa no parlamento francês dá uma ideia da agitação da França ao aproximar-se o dia 31 de Maio em que será preciso tomar uma resolução.

Se o governo francês não quizer tomar a resolução de invadir o Rheno, sósinho, terá sem duvida de ceder, porque a Alemanha não poderá responder sim a todas as condições da Comissão de Reparações, se ela se conservar no mesmo ponto da nota enviada antes da Conferencia de Genova.

Essa será uma resolução gravissima, de incalculavel repercussão futura, que explica perfeitamente a agitação febril que paira sobre a França que pôs em não ceder agora, não só uma questão financeira mas uma questão de amor proprio.

Espera-se a ultima resposta da Alemanha á comissão de reparações. O conteudo da ultima nota desta ainda é ignorado. Mas pode ser que o representante inglês se tenha feito escutar pelos belgas e franceses, e se evite assim por meio da Comissão de Reparações a situação perigosa que se antevê para o dia 31 de corrente.

ESTRANHOS ATENTADOS

CONTRA AS 'TOILLETTES'

Todos os dias se dão em Paris novos casos inexplicaveis

Mais uma prisão

PARIS, 29

Têm continuado nesta cidade os estranhos atentados contra as «toilettes» femininas, raro sendo o dia em que não se registam novos casos. Foi preso um soldado de artilharia que á saida do Metropolitano despejou um frasco de tinta sobre uma rapariga de 15 anos. Declarou que tinha cometido aquele acto devido a um impulso irresistivel que não sabia explicar. Negou que tivesse qualquer responsabilidade em atentados semelhantes que se têm dado ultimamente.—(U. P.)

LANIFICIOS.
PEDIR SEMPRE AMOSTRAS
AOS
GRANDES ARMAZENS DA BEIRA
20-22-Rua dos Retroseiros, 24-26
PERES & ABRANTES, SUC.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

NACIONAL Telef. N. 3049
: BRILHANTE ESPECTACULO :
A representação do original, em duas jornadas, de D. Branca de Gonta Colaço
AUTO DOS FAROLEIROS
A representação do original, em um acto, de Carlos Selvagem
CAVALGADA DAS NUVENS
O maior brilhantismo de scenarios e guarda-roupa — Montagem deslumbrante

— Teve ontem outra enchente o —
TEATRO APOLO
Apesar disso vai dar as
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
a sensacional revista
BELO SEXO
que ainda hoje se repete
Sexta-feira—A revista PORTO, TANTOS DE TAL com uma sensacional apoteose.

EM ARMAZEM
Motores electricos
Dinamos
ANPERÓMETROS
E VOLTIMETROS
Lampadas,
fios, cabos,
Etc., etc., etc.
John M. Sumner & C.º
Sucessor
JOSE J. TEIXEIRA
29-Avenida da Liberdade, 39
LISBOA

EDEN-Teatro
Companhia Espanhola Barreto Ballester
HOJE — Ás 21 horas (9 da noite prefixas)
7.ª Recita de assinatura e PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO da zarzuela comica em 3 actos e 6 quadros, de Arniches e Abati, musica de Luna
La mujer artificial
(La raceta del doctor Miro)
exibindo-se, no final do 2.º acto, o lindissimo bailado de grande aparato
LA FIESTA DEL ABANICO
Os espectaculos da Companhia Espanhola começam, rigorosamente, á hora marcada
A'manhã: 8.ª recita de assinatura — 3 zarzuelas do «Genero Chico», que serão representadas pela seguinte ordem: El duo de la africana, El pobre Valbuena e La Revoltosa

PRATAS PORTUGUESAS
Em todos os generos e de todas as epocas, de desenho e execução dos nossos melhores artistas. O maior sortido da actualidade com preços estabelecidos no firme proposito de provocar confrontos. Rua do Amparo, 106, 106-A e 108. N. B. Casa com esta taboleta:
OURIVESARIA
NASCIMENTO & PINTO
Telefone N. 5119

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE — ás 20,30 (8,30) — HOJE
SESSÃO DA MODA
ATLANTIDA
O mais formidavel sucesso cinematografico do mundo — ARTE — BELEZA — GRANDIOSIDADE — A exibição desta pelicula começa ás 22 horas (10 da noite)
Actualidades 116 — O romance de uma orfã — Ele ... irmão do Pequeno Crescente, fita comica por Harold e Harry Pollard
Preços — Camarotes de 1.ª, 7$50 — De 2.ª, 6$00 — Fauteuils, 1$50 — Geral, $60

O "DIARIO DE LISBOA" encontra-se á venda no Dafundo, na Tabacaria Freire.

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

O 19 DE OUTUBRO

VÃO SER AMNISTIADOS

os oficiais presos na Trafaria e em S. Julião da Barra?

UMA PROPOSTA DE LEI

Na secretaria da Guerra houve hoje larga conferencia entre o titular da pasta e os srs. presidente do ministerio, ministro da Marinha e capitão Rego, chefe da repartição de justiça do quartel general da 1.ª divisão do exercito. Consta que se tratou da redacção da proposta de lei, concedendo a amnistia por delitos de coligação militar, que abrangerá a maioria dos oficiais que se encontram presos com motivo do movimento de 19 de Outubro.

* * *

Varios jornais, noticiando a prisão de elementos com responsabilidades no movimento outubrista, incluem no numero dos presos e como oficial da policia, o sr. Luís Augusto Nunes. Houve equivoco: este oficial é o coronel de infantaria daquele nome que foi acompanhar ao presidio da Trafaria os srs. coroneis Manuel Maria Coelho e Nobre da Veiga, tenente coronel Marreiros, capitão tenente Serrão Machado e capitão Sarmento Rodrigues.

Não haverá revolução... outubrista

A revolução é uma simples revolução de boatos. Os outubristas—serve de garantia a declaração formal de alguem que teve papel preponderante no movimento—não pretendem perturbar a ordem porque entendem que perturbá-la seria perturbar as suas aspirações e os seus proprios interesses.

Protestam contra as prisões. Afirmam que elas não são fundamentadas. Mas desejam—acatando desejos dos oficiais presos—que a justiça militar se pronuncie, para depois se pronunciarem.

Em duas linhas, para o leitor, que, já noitinha, resolve ficar em casa, após o jantar, comodamente, a socegar a familia:

—Não haverá revolução emquanto os juizes não condenarem ou absolverem os oficiais presos. Depois...

Mais prisões?

Constava hoje no governo civil, que tambem vão ser presos, por estarem implicados nos acontecimentos de 19 de Outubro, o major sr. Carrão de Oliveira e o tenente sr. Boavida, respectivamente, comissario geral e ajudante da policia.

A FOME NA RUSSIA

SITUAÇÃO DE HORROR

BERLIM, 29

São alarmantes as noticias da Russia. Estão morrendo de fome mais de cinco milhões de pessoas, falecendo diariamente cêrca de dez mil. O canibalismo e a necrofagia fazem progressos assustadores.—(L.-A.).

A TARDE PARLAMENTAR

O 19 DE OUTUBRO NA CAMARA DOS DEPUTADOS

O SR. ANTONIO MARIA DA SILVA AFIRMA QUE OS ARGUIDOS FORAM DETIDOS Á SOMBRA DO CODIGO DE JUSTIÇA MILITAR

Entre os poucos legisladores que estão presentes á hora de iniciarmos as notas da tarde parlamentar, fala-se muito em debate politico, motivado pelas ultimas prisões de oficiais. Diz-se mesmo que o governo tem interesse em provocar explicações sobre o assunto, mas garante-se que este será ventilado pelas oposições.

* * *

Da ordem do dia, afixada na sala, consta apenas o orçamento do ministerio de instrução; mas, ao que parece, casos de maior ruido devem preocupar hoje as atenções legislativas.

* * *

Afirma a maioria que as propostas de finanças entrarão em analise ainda esta semana, nos intervalos da discussão sobre os orçamentos que ainda não estão votados.

* * *

Como estava previsto, as sessões nocturnas falharam em resultados praticos, tendo concorrido apenas para colocar desagradavelmente em cheque a instituição parlamentar. De maneira que, segundo tudo indica, a mesa deixará de as marcar, pelo menos com tanta frequencia.

* * *

A's 15,30 abre a sessão. Preside o sr. Domingos Pereira. O governo ainda não está representado. Galerias fracas. Durante as leituras da praxe entram os srs. presidente do ministerio e ministros do Trabalho e Guerra.

* * *

O sr. ministro do Trabalho apresenta um projecto sobre os Bairros Sociais.

Logo o sr. Carvalho da Silva, que pede a palavra, enxerta no caso a questão do inquilinato, deitando-se a defender os senhorios em termos que o sr. Domingos Pereira intervem:

—Para que diabo está v. ex.ª a discutir uma coisa que não está em discussão?

Mas o sr. Carvalho da Silva mantem-o embora derive o seu objectivo para um ataque sistematico á obra da Republica.

* * *

O sr. Alvas dos Santos protesta com dignidade contra o projecto do ministro do Trabalho.

—Quando é que o sr. ministro do Trabalho vem aqui dar contas do que tem feito em materia de Bairros Sociais? Pois ainda tem a coragem de vir aqui apresentar um projecto para poder contratar mais pessoal. Gastar mais dinheiro! Não! Não! Com o meu voto, não! (Apoiados).

E cerra o ataque ao sr. Vasco Borges, com apoiados dos democraticos. Mas o sr. Vasco Borges vai defender-se.

* * *

—Devolvo ao sr. Alves dos Santos as acusações que me faz! Devolvo-as inteiramente!

Nas bancadas liberais bate-se nas carteiras violentamente. E' enorme o barulho na Camara. O sr. Carvalho dos Santos acompanha os liberais, entusiasticamente. O presidente pede ordem, inutilmente.

* * *

O sr. Vasco Borges continua a defender-se, e fá-lo em termos que a direita se aquieta. O sr. Alves dos Santos adopta, então, uma segunda atitude, mais serena, propondo que o projecto do ministro baixe á comissão de finanças. Um silencio na Camara. Vai tratar-se de uma votação politica. . .

* * *

Antes da votação falam o ministro, o sr. Carvalho da Silva e o sr. Moura Pinto. Emfim é aprovado o projecto governamental com a oposição liberal, catolica e monarquica. Os reconstituintes votaram com o governo.

* * *

Tem a palavra o sr. deputado Nuno Simões.

É o negocio urgente das prisões de 19 de Outubro. Toda a camara rodeia o orador.

—Quais as condições em que foram feitas as prisões? Quais os artigos do codigo de justiça militar ou do codigo penal á sombra dos quais foram efectuadas as prisões de militares?

São estas preguntas a base do vibrante discurso com o qual o ilustre deputado está prendendo a atenção da Camara.

* * *

Responde o sr. presidente do ministerio:

—O sr. deputado dr. Nuno Simões pretende que eu aclare a situação, da qual resultou as prisões por ordem do comando da 1.ª divisão do exercito.

O sr. Antonio Maria da Silva diz que encontrou ao chegar ao poder uma situação já creada. Diz a seguir:

—Todos os portugueses querem que se apurem as responsabilidades dos crimes de 19 de Outubro! Mas tambem até aqui ninguem tem o direito de chamar criminosos aos presos, porque eles não são até aqui senão presumidos delinquentes.

«Como Clemenceau — diz o sr. presidente do ministerio—eu não intervim na justiça, mas tenho e o meu governo fornecido todos os elementos para fazer marchar essa justiça. Eis a razão porque este governo sancionou as deliberações do Comando da Divisão para serem efectuadas varias prisões.

O sr. Antonio Maria da Silva diz que, pelo Codigo de Justiça Militar, podem prender-se os arguidos logo que começa o processo de instrução da culpa. Por isso, foram presos varios militares, alguns dos quais—diz o ministro—são pessoas com quem me tenho encontrado varias vezes na defeza da Republica e são pessoas de muita consideração.

O sr. presidente do ministerio cita os artigos do Codigo Militar e do Codigo Penal, á sombra dos quais foram efectuadas prisões. Verifica-se que esses varios artigos aludem a «coligação», a homicidio «involuntario», a falta de energia. a não se ter impedido o cometimentr de varios actos criminosos.

E o sr. Antonio Maria de Silva confirma que foram presos 15 militares e que foram tambem novamente incriminados os seis já presos.

E termina:

—Não pudemos impedir que a Justiça siga a sua marcha, nem sofismar a letra dos codigos. Ninguem tem o direito de impedir que se faça justiça, para que se não diga que este país se afunda na lama e no impudor (apoiados).

* * *

Replica do sr. Nuno Simões:

—Eu e o país não queremos que se não faça justiça! Pelo contrario! O país o que quere é que senão demorem as investigações, e que não se estenda á espera das suspeições, dando a impressão que se vive num país de criminosos, todos os dias a surgir (apoiados). O país confia na justiça, mas quere pressa na instauração do processo.

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

O "RAID„ AEREO

O "CARVALHO ARAUJO„

Chegou a S. Vicente de Cabo Verde ás 9 horas da manhã

O TEMPO MELHOROU

Recebeu-se hoje ás 5 horas, no ministerio da Marinha, uma comunicação do cruzador *Carvalho Araujo* dizendo que o barco seguia bem, que o tempo tinha melhorado, e que deviam chegar ás 16 horas a S. Vicente de Cabo Verde. Ali meterá carvão, agua e frescos, seguindo depois directamente para Fernando Noronha.

Por noticias posteriores sabe-se, porém, que o *Carvalho Araujo* chegou a S. Vicente ás 9 horas.

Morto á facada

Na rua da Madre de Deus foi hoje assassinado com uma facada no coração o trabalhador Manuel Antonio, tendo o cadaver dado entrada na casa mortuaria do hospital de S. José.

Ao que se supõe Manuel Antonio pertencia á quadrilha dos «Filhos da noite». O assassino evadiu-se, desconhecendo a policia quem ele seja.

DE LUTO

D. Jorge de Menezes

Faleceu ontem, tendo-se realizado hoje o funeral para o cemiterio dos Prazeres, o sr. D. Jorge de Menezes, filho do notavel homem de sociedade que foi D. João de Menezes e da sr.ª D. Tereza de Azevedo de Menezes, tambem já falecida.

D. Jorge de Menezes colaborou em muitos jornais de Lisboa, durante bastantes anos, como cronista da vida elegante e era grandemente estimado no nosso meio jornalistico e de sociedade, tendo sido, por isso, muito sentida a sua morte.

A direcção, redacção e administração do *Diario de Lisboa* fizeram-se representar no funeral pelo nosso camarada de trabalho sr. Carlos de Vasconcelos e Sá.

Os nossos cumprimentos de pezame á familia enlutada.

Incendios em Belfast

7 fabricas destruidas

BELFAST, 28

A noite passada foram destruidas 7 fabricas por incendios criminosos. —(H.)

Uma joia que se perdeu

LONDRES, 29

Quando ontem á noite a rainha Mary se apeava do seu automovel para entrar no teatro de Covent Garden perdeu um valioso broche de diamantes, que até agora ainda não foi encontrado.—(R.)

Um recontro em Windhoek

PRETORIA, 29

Dizem de Windhoek que houve um recontro entre as forças de policia e rebeldes hotentotes bem armados, tendo morrido 4 inimigos e feito prisioneiros nove. A policia teve um morto.—(R.)

UMA EXPLOSÃO FORMIDAVEL

VIENA, 29

Houve uma formidavel explosão de dinamite num deposito em Blumau, perto de Wiener-Noustadt, tendo causado 30 mortos e mais de 300 feridos.—(R.)

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140